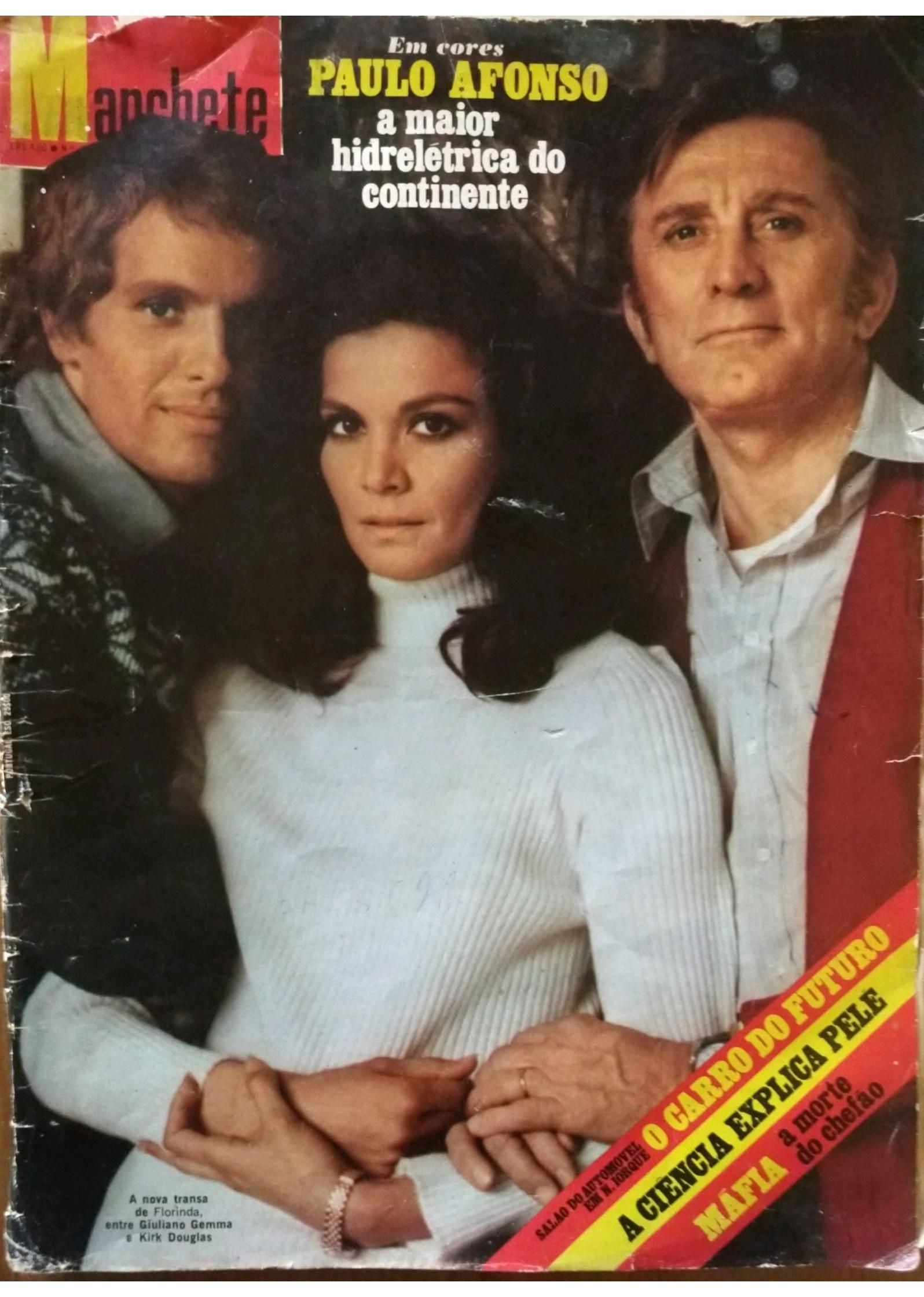


Manchete

Em cores
PAULO AFONSO
a maior
hidrelétrica do
continente



A nova transa
de Florida,
entre Giuliano Gemma
e Kirk Douglas

SALAO DO AUTOMOVEL
EM N. TORQUE

O CARRO DO FUTURO
A CIENCIA EXPLICA PELE
MAFIA a morte
do chefe

Ele é exemplar, no campo, nos negócios, na vida familiar e, para isso, submete

COMO É POSSÍVEL SER...

— Na sua última excursão, o Santos marcou 23 gols. Pelé fez 5 deles. Mas como eu conto também quem dá o passe, ele, para mim, marcou 14. A palavra é do Professor Júlio Mazzei, preparador físico do Santos. Talvez esses números sejam a melhor resposta para os antigos críticos de Pelé, que anunciam sua decadência desde 1962, quando se contundiu seriamente na Copa do Chile. Mas 10 anos são um tempo suficiente para mudar muita coisa, inclusive o futebol.

— Agora todo mundo defende e todo mundo ataca — simplifica o Professor Júlio Mazzei. Especialista na sua profissão, Pelé apenas acompanhou as novas tendências, naturalmente sempre acrescentando seus toques de genialidade. Hoje, por exemplo, alguns modestos conhecimentos de Geometria revelarão as razões de sua aparente lentidão em campo e a escassez dos seus gols. Durante um jogo Pelé coloca-se exatamente na chamada zona do agrião, o lugar onde a bola passa mais vezes. A experiência de tantos anos de carreira ensinou que é ali que se decide uma partida. Dentro dessa área nevrálgica, ele só se movimenta em triângulo, o que lhe dá possibilidade de uma maior média de presença nos limites da zona do agrião. Esse artifício obriga-o forçosamente a correr em diagonal. Sendo o campo um retângulo, oferece maior terreno para desenvolver suas jogadas.

TODOS esses conhecimentos são intuitivos.

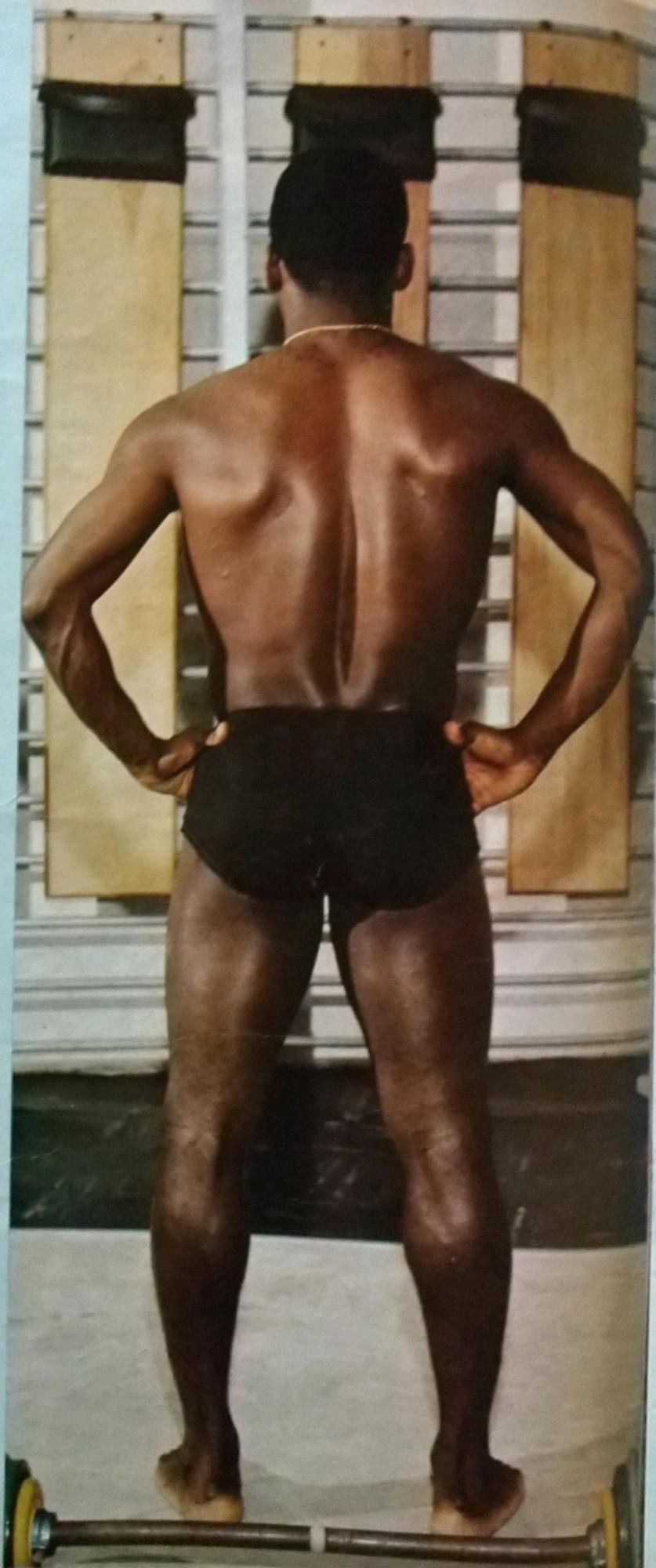
Pelé jamais se debruçou sobre um livro de Física ou Matemática para captar teorias que aperfeiçoassem seu futebol. Afinal, essa aguda capacidade de percepção e observação, aliada a um notável estado físico e atlético são os fatores responsáveis pelo seu longo reinado nos gramados do mundo.

O balanço desses 17 anos de futebol aponta fatos surpreendentes. Ele é capaz de cobrir 100 metros em 11 segundos. Uma média excepcional, segundo o Professor Mazzei. Na verdade, uma média invejável para um atleta de 31 anos.

A natureza foi generosa com Pelé: deu-lhe os pés rigorosamente paralelos, quando a maioria das pessoas tem os pés afastados — dez para as duas — ou voltados para dentro. Numa corrida Pelé leva vantagem, pois ocupa o terreno mais depressa. Na verdade, os pés paralelos não passam de uma feliz

complementação desse exemplar tipo negróide que aciona as qualidades de sua raça. O negróide, fisicamente, é típico para jogar futebol ou praticar qualquer um dos chamados esportes terrestres, que exigem contato com o solo, velocidade, agilidade e impulsão. Ele tem o osso calcâneo mais desenvolvido que o branco ou o mongólico. Isso o obriga a inclinar-se mais para a frente numa corrida. Esse simples movimento permite grande capacidade de arranque dentro da velocidade, que não passa de um equilíbrio constantemente perdido e

A musculatura das costas de Pelé, assim como a das suas pernas, está preparada para todo o esforço que o futebol exige. Segundo o Professor Júlio Mazzei — seu preparador — ele é, do ponto de vista físico, um atleta mais do que perfeito.



Reportagem de JOSE MARIA DOS SANTOS
Fotos de JOSE BOSCO

PELÉ

constantemente recuperado. Naturalmente a força do desequilíbrio inicial é que vai determinar a trajetória da corrida. Pelé, sendo negroíde e tendo os pés paralelos, é praticamente invencível em campo.

Mas o futebol, muitas vezes, confunde-se com as fronteiras da Física. Instintivamente Pelé aplica as leis de equilíbrio. Correndo, seus braços sempre repetem, sem qualquer variação, os mesmos movimentos. Qualquer quebra de harmonia na coordenação muscular do corpo provocará mudança de direção ou desequilíbrio na corrida. Pelé sabe que a linha vertical do centro de gravidade — localizado na altura do umbigo — deve cair em exata perpendicular com suas bases de sustentação, os seus pés. Por isso parece que o pique de Pelé é sempre o mesmo, que foi demoradamente ensaiado.

SUAS pernas ágeis e poderosas apresentam um mapa de cicatrizes desenhado dos pés às coxas. Mas, por incrível que pareça, seus pés são normais. Nem chatos; nem equinos, isto é, com a arcada muito elevada. Pelé tem seus segredos: é o único jogador do Santos F.C. e talvez do mundo que usa quatro travas no calcanhar das chuteiras, em vez das duas convencionais. Descobriu que essa pequena modificação lhe dá mais estabilidade e potência no arranque. O arranque, partir com a bola dominada, era a sua maior jogada. Seus adversários cuidaram de neutralizá-la às custas de uma marcação implacável que na maioria das vezes se transforma em uma verdadeira caça. Os piques de Pelé estavam quase esquecidos, pois o Santos F.C. sentia a ausência de um bom lançador, tipo Gérson ou Rivelino, nos últimos tempos. Afonsinho preencheu a lacuna. E na Copa, com a seleção, Pelé pôde reviver os seus piques brilhantes. O

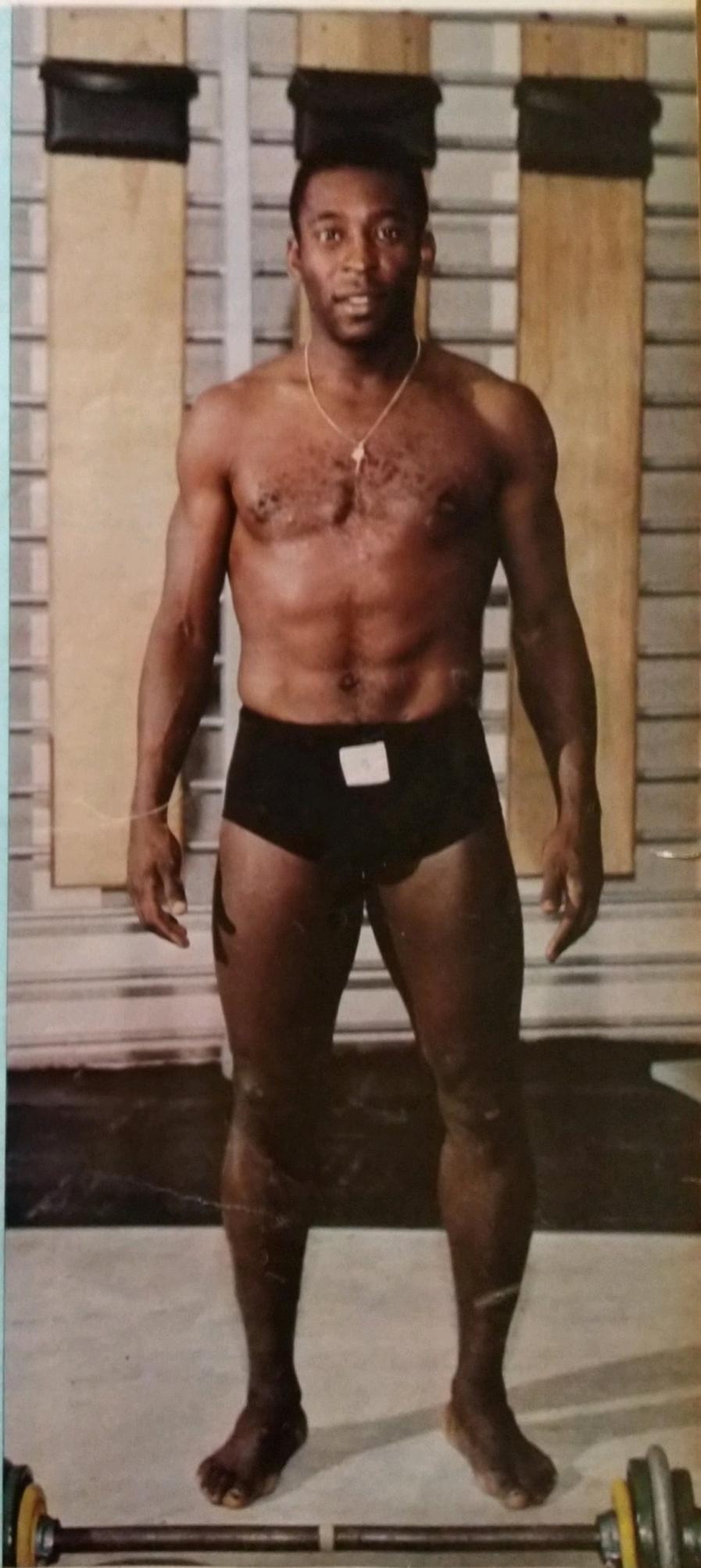
Professor Mazzei é categórico.

— Aqui no Santos não é possível uma preparação perfeita por causa dos compromissos do clube. Mas com um treinamento científico, como na seleção, Pelé rende o que sempre rendeu. Na Copa ele tinha bons lançadores. Aqui no Santos, estamos cuidando disso. Jogando futebol, Pelé aclona outras qualidades dificilmente encontradas num jogador. Entre outras coisas, sua capacidade de observação lembra um radar. Ele consegue localizar sons dentro do campo. De costas para um companheiro que pede a bola, é capaz de reconhecer sua voz e a distância a que se encontra. O Professor Mazzei simplifica: — No fundo ele é um jogador de xadrez. Prevê cinco ou dez jogadas na frente.

Evai buscar o exemplo significativo num esquecido jogo contra o C. A. Juventus, em São Paulo: Carlos Alberto bateu o tiro de meta e a bola veio alta para o meio do campo. Pelé viu Lima correndo à sua direita e Coutinho à esquerda. Vislumbrou um atraente vazio na frente. Quando subiu para cabecear, gritou para Lima: — Continue correndo que a bola é sua.

SEGUIE

Atualmente Pelé tem uma certa tendência para engordar e se submete a exercícios especiais, destinados, principalmente, a fortalecer a musculatura do tórax, que é a menos exigida, em campo. Mas, como leva uma vida regrada, está sempre em ponto de bala.





Apesar do pouco tempo disponível para o treinamento físico, por causa da constante atividade do Santos, sempre que pode Pelé dedica-se de corpo e alma aos exercícios que lhe garantem a forma.

O leve toque de cabeça fez a bola cair exatamente nos pés de Lima. Essa ação que durou frações de segundos revelou extraordinária capacidade de medir a velocidade relativa. Numa linguagem mais simples, ele consegue avaliar a velocidade de um companheiro que se desloca e calcular a força que deve imprimir à bola, para construir um ângulo perfeito de coincidência entre os dois. Um jogador comum, só eventualmente, consegue fazer o cálculo perfeito. Pelé tem sucesso em 85% de suas tentativas.

Se a natureza quis ser generosa com Pelé, certamente exagerou. Deu-lhe também um raio de visão bem maior do que um homem comum. Numerosos testes no Santos FC e na seleção brasileira mostraram que Pelé enxerga lateralmente até a linha do seu ombro, aproximadamente. Essa fantástica lente **grande angular** oferece-lhe uma noção quase total do campo e o diagrama onde se colocam seus companheiros. Tudo que é demais cansa. Mas em Pelé, o mecanismo parece funcionar exatamente ao contrário. A longa e permanente prática do futebol acabou se tornando quase uma automação. Essa automação dá-lhe a condição de carregar, numa velocidade surpreendente, a bola entre as pernas. O Professor Mazzei adverte que isso não significa reflexo condicionado. Além disso, os músculos gêmeos, da parte posterior da perna, altamente desenvolvidos, são um importante apoio. Funcionando como amortecedores, eles têm a resistência suficiente para favorecer a Pelé no seu malabarismo com a bola.

Os 5 compêndios de Biotipologia classificariam Pelé como um tipo **normolíneo**, cujas medidas são equilibradas: a altura do corpo coincide com a distância entre as extremidades dos braços abertos. O Professor Mazzei prefere uma linguagem mais poética, dizendo que **Pelé é aquele célebre equilíbrio ana. Umico pintado por Da Vinci**. Artes plásticas à parte, Pelé salta 1,80m. Índice evidentemente extraordinário, pois a média de um jogador é 1,70m. Todo jogador sabe que se abaixar violentamente os braços pouco antes de chegar ao ponto máximo do salto, ganhará 2 ou 3 centímetros a mais. Pelé, novamente valendo-se de seu espírito de observação, rompeu esse esquema tradicional. Percebeu que, aplicando seus primitivos conhecimentos de

O segredo do seu equilíbrio está nos pés perfeitos, rigorosamente paralelos

velocidade relativa, poderia ter uma pequena mas significativa vantagem sobre seu marcador, ou goleiros: saltando, obriga o adversário a saltar com ele; retarda por alguns décimos de segundos a queda violenta dos braços; e dá aquela familiar **paradinha** no ar, quando seu adversário já está descendo. Foi assim que marcou o primeiro gol do Brasil contra a Itália, na decisão da Copa.

ENQUANTO Pelé salta, corre e chuta, há uma valente retaguarda garantindo os ágeis movimentos de sua vigorosa massa muscular: as coxas. Na verdade, elas têm condição de sustentar um homem de dois metros de altura e Pelé tem 1,72. Dentro do mágico quebra-cabeça que forma esse perfeito jogador de futebol, elas têm funções básicas, como proteger as articulações dos joelhos, o ponto mais sensível de um atleta. Seus terminais musculares envolvem os ligamentos numa pesada barreira. Esse é um dos motivos por que Pelé nunca se contundi seriamente a não ser naquela vez na Copa de 1962.

Apesar disso, movimentando-se no campo, Pelé arma-se de extrema cautela. Uma de suas táticas é proteger-se com os braços. Segundo o Professor Mazzei, **é um jogador que joga pedindo licença**.

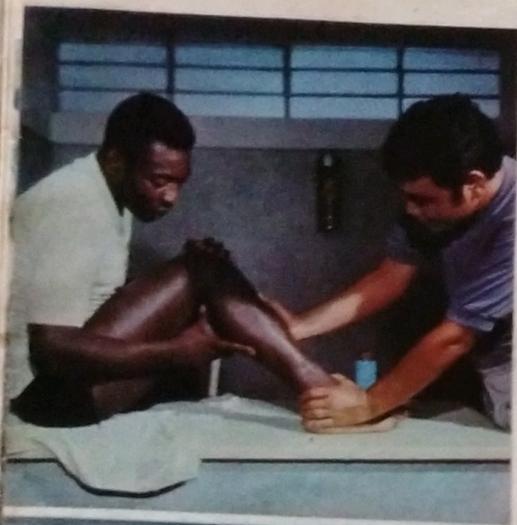
Esse protótipo de super-homem exhibe outras virtudes: o poder de sua musculatura cervical. Num cálculo sem maiores cuidados, o Professor Mazzei acredita que sua cabeçada correspondá mais ou menos a 1/3 de seu chute. E um chute de Pelé, a 20 metros, a bola sai a 100 km/h. Demora 2 décimos de segundo para chegar à barreira e o impacto é de 60 quilos; demora 3 décimos de segundo para chegar da barreira ao gol. Mas, curiosamente, a sua musculatura torácica não é bem desenvolvida, na região dos grandes peitorais. Naturalmente porque esses músculos são pouco exigidos no futebol. Entretanto sua capacidade vital é acima de 6 litros, média considerada muito boa.

Durante uma partida Pelé chuta de 8 a 12 bolas no gol. Apesar dos milhares de chutes que já deu, ele continua fazendo suas pesquisas. E aqui, outra vez o futebol confunde-se com a Física: o chute é o sistema de alavancas entrando em ação; a bola é a resistência e o pé se movimentando é a potência. Se o apoio ficar atrás da linha da bola, a tendência dela é subir; se ficar adiante, ela se prensará ao chão. Se o apoio estiver na linha da bola, o chute sairá rasteiro ou a meia-altura. A direção será determinada pela ponta do pé de apoio e dos joelhos.

— **P**ELÉ transforma o gramado num laboratório — diz o Prof. Mazzei — agora só chuta com o pé de apoio sobre a linha da bola, tentando aperfeiçoar os resultados. Inclusive nas faltas e pênaltis. Repare em Pelé, como ele corre erguendo exageradamente os pés, ficando até engraçado. Cômica ou não, essa é a posição correta: quanto mais o pé for para trás, mais potência terá o chute. No mecanismo do seu chute, os pés paralelos colaboram num detalhe muito importante: têm mais facilidade em acertar em cheio na bola. Diz a Física: quanto maior a área de impacto, maior a potência e velocidade. (Em 40 pênaltis, Pelé só errou 4.) Mas Pelé não seria Pelé se não tivesse seus excelentes aparelhos circulatório e respiratório, que são a arma fisiológica de qualquer atleta. Seu ritmo cardíaco se coloca na faixa de 56 a 58 batidas por minuto, em treinamento. (A média normal de um homem descansado é de 70). O Professor Mazzei desce a detalhes mais sutis: sua recuperação após um esforço se dá entre 45 segundos e um minuto. Um minuto depois de dar um pique, ele poderá repeti-lo sem qualquer queda de rendimento.

— É aquilo que Cooper chama de capacidade aeróbica. Apesar de ser uma perfeita e maravilhosa máquina de jogar futebol, Pelé, às vezes, acusa algum defeito. Agora, por exemplo, está lutando contra o excesso de peso. É verdade que após uma partida ou treino ele perde três quilos em média, mas que são rapidamente recuperados. Os dois quilos a mais resistem a qualquer regime.

OUTRA **avaria** se localiza nas pernas. Os 17 anos ininterruptos de futebol marcaram-lhe definitivamente as pernas. As constantes pancadas dos adversários tornaram suas **canelas** extremamente sensíveis, pois a pele se abre ao menor toque. Naturalmente o processo de cicatrização é lento, pois Pelé não pode parar.



PARA resguardar-se, arma-se de uma verdadeira armadura antes de entrar em campo: ele próprio cuida das bandagens para envolver os pés, manipulando habilmente as longas fitas de esparadrapo; prepara com cuidado as duas **caneleiras**, com dois pares de meia superpostos. Mas essas medidas não se revelaram suficientes: num jogo contra o Guarani de Campinas, os cravos da chuteira do beque romperam toda essa camada protetora e ainda rasgaram suas pernas exatamente onde não havia nenhuma cicatriz. Pelé se cuida. É o único

jogador do Santos FC que se submete pacientemente às massagens depois do trabalho. Para tanto ele tem no seu armário os mais diversos medicamentos. Afonso agora o acompanha. Desprezada pelos outros jogadores, a massagem é fundamental para Pelé: consegue reabilitá-lo de suas múltiplas atividades do dia-a-dia. E essas atividades lhe tomam quase o tempo todo. Em casa, por exemplo, há dias em que, quando ele chega, sua filha grita espantada para a mãe: — Mãe. Venha ver. Papai chegou cedo hoje.

Isso naturalmente é uma piada. Mas uma piada genial, em se tratando de um homem que, por força do seu trabalho estafante, teve que estabelecer aquilo que chama de **hora-família**, para não se tornar um estranho dentro de sua própria casa. Evidentemente essas **horas-família** são sagradas e poucas. Pelé pode enumerar nos dedos.

— Domingo à noite depois do jogo (se estiver em São Paulo), segunda de manhã, terça de manhã... Dá umas 48 horas por semana. Sem contar as horas de sono, não é? Essa situação fica praticamente insuportável para um homem caseiro como Pelé. Aliás, se antes do casamento ele quase não saía de casa, depois, sem contar os seus compromissos profissionais, ele acabou se transformando numa espécie de eremita. Se não tem jogos a fazer e nem negócios a tratar, não há força no mundo que consiga removê-lo de sua poltrona na sala de visitas do seu espaçoso apartamento perto da praia em Santos. Ali é que ele vive com sua família: Rose, a esposa; Kelly Cristina, que tem 5 anos, e Edson Jr., o caçula.

ASSIM em família, ele passa praticamente a maior parte do tempo no chão, brincando com as crianças. Agora, por exemplo, está tratando de renovar o repertório de brincadeiras, pois carregar Kelly Cristina de Cavalinho, com seus 33 quilos, já não é uma tarefa fácil, mesmo para um atleta exemplar como Pelé. Ainda se fosse por pouco tempo

Seus olhos funcionam como uma lente grande angular e ele consegue enxergar de ombro a ombro

não era nada. Acontece que as crianças sentem a ausência do pai e, então, procuram aproveitar ao máximo sua presença. Edson Jr. fica atrás da porta, gritando a todo minuto, **Bobô!**, para provocar o pai, obrigando-o a correr atrás dele. Pelé participa da brincadeira com singular prazer. — Só depois da meia-noite, quando eles vão dormir, é que eu converso com a Rose os assuntos de família. Nessa hora nós aproveitamos também para ler um pouco.

DE qualquer modo ele procura compensar suas constantes ausências da melhor forma possível. Por exemplo, se está viajando, procura sempre fazer contato com a família e na sua bagagem não faltarão os infalíveis presentes para seus filhos. E quando pode, fica ao lado de Kelly Cristina, supervisionando a tarefa escolar. Mas Pelé sabe que todas essas atenções ainda não bastam. Por isso antecipou sua despedida ao futebol, que foi uma decisão conjunta com sua esposa. Só cuidando de negócios ele terá mais tempo para os filhos. Apesar desses problemas — normais na vida de um ídolo como Pelé — a vida dos Arantes Nascimento é muito tranquila e doméstica. A família geralmente sai junta para visitar parentes. Principalmente os avós. Aliás foi na casa dos avós que Kelly Cristina começou a descobrir o mundo, conhecendo cachorros, gatos, passarinhos, coisa que é impossível num apartamento. Graças a uma prudente política adotada por Pelé e Rose, Kelly Cristina é pouco reconhecida na rua. De forma que a fama do pai não interfere no seu desenvolvimento, como criança sadia e normal.

— Só que eu não posso ir à praia com as crianças. Logo a **roda está formada**. A fama do pai também provocou muitos debates do casal, em relação à formação de Kelly Cristina e Edson Jr. O menino, certamente, não sofrerá as pesadas influências, pois quando tiver idade de discernir as coisas, seu pai já terá abandonado o futebol e será sensivelmente menos superestrela. Mas Kelly Cristina pegou a fase mais nevrálgica.

Entretanto, Pelé acha que o perigo foi um pouco afastado. — Lá em casa, por exemplo, ninguém me chama de Pelé. É só **Dico**, apelido de infância.

OS filhos o chamam de **paí**. Mesmo nesse perigoso terreno, onde o ídolo é facilmente confundido com o ser humano, Pelé soube sempre se conduzir com notável habilidade. O jogador, o ídolo, o mito, só vive até as fronteiras da porta do seu apartamento. Porta fechada, ele fica do lado de fora. Por isso Pelé recebeu algumas críticas de jornalistas que queriam fazer reportagens em sua casa e de pessoas que foram apertar sua campanha para tratar de negócios, sendo sistematicamente não atendidas. Afinal, o ídolo é ele, Pelé, e os filhos não são ídolos, são Kelly Cristina e Edson Jr. Pelé se exercitou tanto nesse mecanismo que hoje pode separar distintamente uma coisa da outra. — Eu tenho apelido de Pelé. Até nisso eu tive sorte. Fora do campo eu sou o Edson. E Roberto Carlos? Fora do palco, é Roberto Carlos mesmo.

APESAR de todos os problemas que Pelé evoca, Edson Arantes do Nascimento não tem bronca dele. Muito pelo contrário. E analisa com muita segurança as circunstâncias de sua vida. — Ser Pelé é muito difícil. Então agarrei a oportunidade com unhas e dentes... — E se o Edson estivesse trabalhando hoje lá na Estrada de Ferro Noroeste, como um funcionário anônimo? (Pelé passou a infância na cidade de Bauru, onde há um importante entroncamento ferroviário.) — Ele estaria doído para ser o Pelé...

A dedução é simples: Pelé já provou o gosto amargo da pobreza. E hoje, ao entrar na sua Mercedes-Benz azul, sabe que é um privilegiado na multidão de jovens pobres que procuram no futebol a fuga da miséria. Mas ele chegou à fortuna por seu próprio esforço. Agora mesmo, por exemplo, na Rua Riachuelo, 121 - Conj. 53, em Santos, Pelé está mostrando um poderoso grupo econômico. Seu embrião é uma agência de empreendimentos e propaganda, mas com raízes bastante fortes para sustentar seu desdobramento em várias empresas de negócios afins, que permanecerá como carro-chefe, conforme planejamento estabelecido pelo seu **staff**. O investimento é rigorosamente seguro, garantido pela milionária assinatura de Edson Arantes do Nascimento.

Ele sempre se submete à massagem nas pernas, seja após os jogos, seja após os treinos. Nelas, um mar de cicatrizes, das coxas aos pés, relembra a dureza com que os adversários o enfrentam há 17 anos.

Hoje, a Pelé Empreendimentos e Propaganda cuida de todos os seus negócios, no Brasil e no Mundo



O perfil do Rei: aos 31 anos, um corpo perfeito, cada músculo preparado para a sua função específica dentro do campo.

Naturalmente os acanhados escritórios de Pelé Empreendimentos e Propaganda — três peças com um sanitário nos fundos — não representam com fidelidade os altos negócios que ali são decididos. Por exemplo: recentemente, o diretor-presidente Edson Arantes do Nascimento esteve reunido por mais de 4 horas com importantes funcionários da Pepsi Cola Co., fechando um contrato de aproximadamente 2 milhões de cruzeiros. A Pepsi Cola deu tamanha prioridade ao negócio, que enviou seus emissários às pressas para o Brasil, com ordem de voarem no mesmo dia para Nova Iorque, levando documentos do contrato.

NA verdade, a companhia de refrigerantes procurava esse negócio há mais de 2 anos, só não o conseguindo por absoluta falta de tempo de Pelé. Afinal, as filmagens, onde ele apareceria ensinando como se joga futebol, exigiriam pacientes estudos, imediatamente neutralizados pelas constantes viagens e concentrações do astro principal. Essa falta de tempo fez Pelé perder muitos outros bons negócios. E sua preciosa marca foi poucas vezes usada em algumas despreziosas campanhas publicitárias, quando permitia sua apertada agenda. Mas Pelé há muito tempo estava se preparando para ser um homem de negócios, compreendendo que seu raio de ação já havia ultrapassado os estreitos limites de um campo de futebol. Entre outras coisas, Geraldo Carvalho, gerente-geral do Banco Campina Grande na Baixada Santista, tornou-se seu professor de economia e mercado de capitais. Hoje, aplicando seu dinheiro em incentivos fiscais, Pelé obedece cegamente a orientação do Campina Grande Investimentos. Aliás, ele é diretor de Relações Públicas do banco, que é um dos quinze principais do Brasil. Ali, recebe um salário de mais ou menos 5 mil cruzeiros. Além de toda essa segurança para seus investimentos, Pelé ainda tem dois respeitáveis conselheiros: Nilton Rique e Nelson Porto, o primeiro nada menos que um dos principais nomes da cúpula do grupo Campina Grande e o segundo, diretor de marketing. Pelé, na sua longa convivência com homens de negócios, acabou se tornando um hábil executivo.

TODO esse know-how adquirido foi amplamente aplicado na estruturação de Pelé Empreendimentos e Propaganda. Mas um homem como Pelé, que sempre viaja (já está no seu nono passaporte) não pode, pessoalmente, exercer uma

fiscalização eficiente sobre seus negócios. José Fornos Rodrigues, Pepito, encarrega-se de ser os olhos e os ouvidos do rei. Qualquer proposta, antes de chegar ao gabinete do chefe, estrategicamente instalado na última peça do Conjunto 53, passa pelo seu crivo severo.

— Outro dia veio um homem oferecendo a exploração de uma mina de diamantes — conta Pepito. — Eu lhe perguntei porque ele próprio não explorava, já que sabia onde os diamantes estavam. Essa severidade nos negócios tem exemplos significativos. Ele exigiu de Bobby Moore minucioso esquema de segurança que incluía vidros à prova de balas e assustadores seguros, quando o capitão da seleção inglesa pediu a Pelé o equipamento completo e a bola do jogo dos mil gols para uma exposição em Londres.

POR trás da permanente vigilância de Pepito, há uma retaguarda para as questões técnicas de um contrato, formada por advogados, economistas e publicitários. Pelé, no momento em que se torna um homem de negócios, estabelece critérios para a exploração de sua marca. O staff debruça-se sobre as cláusulas de um contrato e veta incondicionalmente itens como:

- 1 — Pagamento em royalties ou sobre o percentual de vendas do produto que Pelé anunciará.
- 2 — Não permite que Pelé faça comparações entre o produto que anuncia e um concorrente.
- 3 — Pelé não poderá ser chamado de milionário numa propaganda.
- 4 — A confecção do material publicitário não deverá interferir nos assuntos profissionais (futebol) e particulares de Pelé.
- 5 — O material de propaganda deverá ter absoluta perfeição técnica.
- 6 — O produto a ser anunciado deve ser altamente respeitável.
- 7 — Recusa-se publicidade de bebidas, cigarros ou produtos que sugiram vícios.

O staff de Pelé ainda proíbe a publicidade de produtos iguais, mas com marcas diferentes. — Se ele anuncia uma chuteira, diz Pepito, recusará contrato com outra marca de chuteiras. Mas essa hostilidade comercial nem sempre dá bons resultados. Fazendo há algum tempo propaganda de uma determinada marca de TV, Pelé teve que abdicar a polpudos contratos que lhe surgiram mais tarde com a implantação da televisão a cores. Assim Pepito define o trabalho da agência.

— É uma assessoria aos negócios de Pelé. Não participamos da organização de uma campanha, mas damos nossa opinião.

A agência também tem a função de cuidar dos bens de Pelé, a saber: 30 imóveis, entre casas, lojas e apartamentos; uma fábrica de fios elásticos e borracha sintética no município de Ribeirão Pires (SP), em sociedade com Zito, e seus investimentos em geral. Atualmente Pepito está atarefado com o imposto de renda do patrão, como ele chama Pelé, que ocupará pelo menos cinco formulários, em espaço dois. "Eu faço tudo", adverte Pepito. Centralizando todas as atividades de Pelé, a agência também é responsável pela sua agenda. Estabeleceu, dentro de uma coordenação rígida, que Pelé só atenderá às segundas e quintas-feiras, apesar de estar todos os dias no escritório, despachando normalmente. A volumosa correspondência de Pelé — 30 cartas por dia — também mereceu um departamento próprio. Todas as cartas são encaminhadas a um funcionário silencioso e eficiente — Jorge Arantes, seu tio — que cuida de selecioná-las e enviar como resposta a tradicional foto colorida e autografada, quando é o caso. Os pedidos mais curiosos ou extravagantes são separados, para rechear os arquivos do chefe. Entre eles destaca-se um vietnamita, que escreveu de Saigon pedindo 200 mil dólares para fundar uma escola; ou de um motorista que exige o pagamento da prestação atrasada de seu Galaxie; ou ainda de uma mulher que pede a Pelé providências para localizar seu marido que fugiu de casa. Dentro dessa impecável organização, os negócios, naturalmente, tenderão a crescer. Nos territórios da Pelé Empreendimentos e Propaganda é proibido falar em cifras. Pepito justifica.

— E uma empresa como outra qualquer. A fortuna de Pelé não pode ser avaliada, é como o saldo de uma firma. (Discretamente, o comentário fora da agência é de que Pelé faturou 420 mil cruzeiros por mês no ano passado.)

QUANTO custa a marca Pelé, hoje usada por seis grandes empresas no mundo todo, como instrumento de propaganda? O staff de Pelé apóia-se numa explicação dos emissários da Pepsi Cola, para dar a resposta.

— O valor de uma marca depende 90% de sua proteção e 10%, o valor em si. De nossa parte, estamos tranquilos. Ninguém pode usar a marca Pelé sem nossa autorização porque poderemos tomar medidas legais com absoluta garantia de sucesso. É público e notório que a marca Pelé pertence ao Sr. Edson Arantes do Nascimento. E vale na exata proporção de sua capacidade de vender.